

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O UNIVERSO DAS NARRATIVAS *SETSUWA*

Luiza Nana Yoshida

No Japão, costuma-se dividir o período histórico de duas maneiras: uma, adotando o critério comumente utilizado no Ocidente, onde se engloba um período que apresenta uma estrutura social semelhante (Antigüidade, Idade Média, Época Moderna...) e outra, baseada no centro político da época (Nara, Heian, Kamakura...), ou na mudança do imperador, a partir da Restauração Meiji em 1868 (Meiji, Taishô, Shôwa...)

Nas fontes históricas chinesas *Kanjo* (*Livro da Dinastia Han Posterior*) do século V e *Gishi* (*História de Wei*), do século III, encontramos os primeiros dados referentes ao Japão, denominado *Wa*, pelos chineses. Segundo essas fontes, o Estado de *Wa* possuía centenas de tribos formados por clãs e, no século III, Himiko, a soberana-xamã da nação de Yamatai, havia conseguido o controle de 27 tribos. Essas fontes históricas chinesas, além de oferecerem valiosas referências sobre a formação do Estado japonês, constituem também um importante indicativo das relações diplomáticas que o Japão mantinha com a China, desde remotas épocas. A obra *Gokanjo*, por exemplo, registra que, no ano 57, o imperador Kôbu, da dinastia Han, concede um sinete de ouro ao emissário de Na do Estado de *Wa*. Ainda segundo o capítulo “Wajinden” (“Sobre o Povo de Wa”) de *Gishi*, a soberana Himiko realiza uma política de envio regular de emissários, a partir de 239.

Durante todo o processo de unificação do Japão e, mesmo após ele, é inegável a sólida e abrangente influência da cultura continental em todos os setores da vida japonesa. O modelo continental, principalmente o chinês, pode ser encontrado na base de todo o desenvolvimento político, econômico, social e cultural do Japão.

Essa influência pode ser mais nitidamente notada na Época Asuka (592-710) e na Época Nara (710-794). Na Época Asuka, já se encontrava estabelecido o sistema político centralizado no poder imperial exercido com o apoio dos influentes clãs, e a Cultura Asuka encontra o seu apogeu na época do Príncipe Shôtoku (574-622), regente da imperatriz Suiko (554-628), que visava uma nação culturalmente desenvolvida. Trata-se de uma cultura alicerçada na cultura budista e com fortes influências da cultura chinesa da Época Nanbokuchô e também da Coréia, sendo, em grande parte, produzida com a colaboração de descendentes de imigrantes chineses e coreanos. A Cultura Hakuhô, florescida na segunda metade do século VII, ainda na Época Asuka, sofre forte influência do período inicial da Dinastia Tang (618-907).

Na Época Nara, tendo como centro a Capital Heijôkyô (atual Nara), há o nascimento de uma cultura aristocrática de alto nível, a Cultura Tenpyô, cuja denominação é emprestada do período áureo da Época Nara, a Era Tenpyô (729-748), durante o reinado do imperador Shômu (reinou entre 724-749). Datam dessa época a compilação das primeiras crônicas japonesas *Kojiki (Registro de Fatos Antigos)* de 712 e *Nihonshoki (Crônicas do Japão)* de 720 e da primeira antologia poética, *Man'yôshû (Antologia das Dez Mil Folhas)*, organizada por volta de 760.

A partir da mudança da capital para Heiankyô (atual Kyoto), em 794, inicia-se a Época Heian (794-1185), período no qual assistiremos a uma grande transformação, entre outras, no campo cultural.

Pode-se dizer que as várias manifestações culturais de até então (Culturas Hakuhô, Tenpyô) possuíam como característica comum a forte influência do estilo de Tang, sendo denominadas *Tôfû Bunka (Cultura em Estilo Tang)*. No início da Época Heian, o estilo de Tang continua exercendo grande influência no campo cultural, mas encontra-se já em decadência, ao mesmo tempo em que, no Japão, assiste-se ao período embrionário do estabelecimento de uma cultura mais tipicamente nacional.

Não só pelo fim da influência direta da cultura continental com a extinção do envio de embaixadas a Tang, em 894, e a decadência do grande império Tang (618-960), houve, principalmente a partir do século X, o acelerado processo de assimilação e fusão da cultura continental e o surgimento de uma cultura marcadamente nacional. Na esfera literária, a adoção de um alfabeto próprio, os fonogramas *hiragana* e *katakana*, por volta do século IX, constitui um fator decisivo ao seu desenvolvimento, na medida em que irá possibilitar a livre expressão da língua japonesa, através da escrita, que era, até então, realizada com a utilização do ideograma chinês, que lhe impunha diversas limitações.

Assim, a cultura da segunda metade da Época Heian (aproximadamente do século X ao início do século XIII), deixa de ser mera cópia do modelo continental e adquire um matiz próprio. É a passagem do estilo chinês de Tang para o estilo japonês. E a nacionalização da cultura encontra-se expressa de maneira marcante na profícua produção literária dessa época. Os clássicos chineses cedem lugar às produções nacionais, gerando o aparecimento de diversos gêneros, expressos, predominantemente, em alfabeto nacional ou, em menor escala, no estilo *wakan konkôbun* (estilo nascido da tradução do texto chinês para o japonês).

É nesse período que se organiza a obra *Kokin Wakashû* (*Coletânea de Poemas Japoneses Antigos e Modernos*), a primeira antologia poética de uma série de vinte e um (*Nijû Ichidaishû*), compilada sob o edito imperial, no decorrer dos séculos X ao XV.

Na prosa, assistimos ao surgimento de vários gêneros como *monogatari bungaku* (literatura *monogatari*), *nikki bungaku* (literatura de diário), *zuihitsu bungaku* (literatura de ensaio).

Cabe colocar que a cultura da Época Heian desenvolveu-se apoiada inteiramente na nobreza, cujo poder econômico permitia-lhe desfrutar um estilo de vida luxuoso voltado muito mais para regras sociais e cerimoniais, do que propriamente para as questões políticas ou sociais. Mesmo os altos dignitários religiosos sucumbiram aos luxos dessa sociedade aristocrática, olvidando da sua função primordial de amparadores espirituais. Desse modo, as cerimônias da corte e os rituais religiosos tornaram-se importantes espaços sociais onde reinavam o ideal estético do *miyabi* (“refinamento”) e o sentimento do *monono aware* (“sensibilidade apurada”) que se refletiam nas manifestações culturais da época, inclusive na produção literária.

A produção literária da Época Heian caracteriza-se predominantemente, pois, por apresentar um estilo refinado e lírico, cujo autor, personagem, ambiente e tema mantêm estreita relação com a nobreza da capital Heiankyô.

Contrastando com tal característica, podemos destacar um gênero narrativo, narrativa *setsuwa*, cujas origens remontam ao século IX, mas cuja intensa produção só ocorreu nos séculos XIII e XIV. A primeira obra de vulto do referido gênero, a coletânea de narrativas *setsuwa Konjaku Monogatarishû*, vai surgir no século XII, já no fim da Época Heian, destacando-se como uma obra destoante com relação ao ideal estético que rege toda a produção do período, pois as narrativas aí compiladas possuem características completamente diversas dos gêneros contemporâneos. O refinamento, a sutileza e o lírico dão lugar a uma abordagem que privilegia o real, o objetivo e o prosaico, enquanto as personagens, os espaços e os temas diversificam-se sem fronteiras, fatores que certamente influíram no grande desenvolvimento do gênero que assistimos no decorrer dos séculos XIII e XIV, por constituírem um novo sopro na saturada literatura aristocrática de até então.

As narrativas *setsuwa* são breves narrativas transmitidas como reais ou supostamente reais, frutos, portanto, de uma criação coletiva anônima e reunidas numa coletânea de narrativas *setsuwa*, por um compilador. Podem ser basicamente divididas em dois tipos, as narrativas *setsuwa* budistas que tratam de temas tais como a origem do Budismo, os relatos milagrosos ou a reencarnação, e as narrativas *setsuwa* seculares que tratam de temas diversos referentes ao mundo secular, abordando personagens que variam do mendigo ao imperador, do animal ao ente sobrenatural, e destacando fatos que se caracterizam pelo engraçado, pelo inusitado, pelo horripilante, pelo trágico, sem aprofundar-se no aspecto psicológico ou emocional.

A coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, *Nihon Ryôiki* (*Relatos Milagrosos do Japão*), organizada pelo monge Keikai (ou Kyôkai), por volta de 822, tem sido

considerada a precursora do gênero. E segundo Imanari Genshō¹, a narrativa *setsuwa* irá passar nos séculos XI e XII por uma fase de desenvolvimento, com a publicação de inúmeras coletâneas de narrativas *setsuwa* budistas do tipo *ôjôden* (Renascimento na Terra Pura), alcançando, finalmente, nos séculos XIII e XIV o seu período áureo, com a publicação de diversas coletâneas budistas, mas também narrativas *setsuwa* seculares.

Podemos destacar como algumas das principais coletâneas:

1. *Nihon Ryôiki* (*Relatos Milagrosos do Japão*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, compilada por Keikai, por volta de 822.
2. *Sanpô Ekotoba* (*Pintura e Escritos sobre as Três Jóias do Budismo*) – Coletânea de narrativas budistas, compilada por Minamoto no Tamenori em 984.
3. *Nihon Ôjô Gokurakuki* (*Relato do Japão sobre a Salvação na Terra Pura*) – A primeira coletânea de narrativas *setsuwa* do tipo *ôjôden*, de Yoshishige Yasutane, compilada no período de 985-986.
4. *Dai Nihonkoku Hokkekyô Genki* (*Relatos Milagrosos do Sutra Hokke no Japão*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, organizada pelo monge Chingen, no período entre 1040 a 1044.
5. *Zoku Honchô Ôjôden* (*Novas Biografias de Místicos Renascidos na Terra Pura*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, de Ôe no Masafusa, organizada no período entre 1099 a 1103.
6. *Konjaku Monogatari* (*Coletânea de Narrativas de Agora e de Outrora*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas e seculares, organizada na primeira metade do século XII, sendo o seu organizador desconhecido.
7. *Kohon Setsuwashû* (*Coletânea de Narrativas de Antigos Livros*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* seculares, de autor desconhecido, organizada no fim do século XII para o início do século XIII.
8. *Uchigikishû* (*Coletânea de Narrativas Ouvidas*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, de autoria desconhecida, compilada no fim da Época Heian (794-1185).
9. *Kojidan* (*Colóquio sobre Assuntos Antigos*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* seculares, referentes aos imperadores, à nobreza e altos dignitários religiosos, foi compilada por Minamoto no Akikane, por volta de 1212.
10. *Hosshinshû* (*Coletânea de Relatos sobre o Despertar Religioso*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, selecionadas por Kamo no Chômei, por volta de 1212.
11. *Uji Shûi Monogatari* (*Narrativas Coletadas em Uji*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* seculares, de autoria desconhecida, compilada no período entre 1212 e 1221.
12. *Jikkinshô* (*Tratado das Dez Regras*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* seculares, de caráter doutrinário, de autoria desconhecida, compilada em 1252.
13. *Kokon Chomonjû* (*Narrativas Ouvidas de Antigos e Novos Escreventes*) – Coletânea de narrativas *setsuwa* seculares, compiladas por Tachibana no Narisue, em 1254.

1. Genshō Imanari, “Setsuwato Setsuwa Bungaku” (“Narrativa *Setsuwa* e Literatura *Setsuwa*”). *Kenkyû Shiryô Nihon Koten Bungaku* (Material de Pesquisa da Literatura Clássica Japonesa), 3. Tóquio, Meiji Shoin, 1984, pp.5-6.

14. *Senjûshô (Narrativas Seleccionadas)* – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, de autor desconhecido, compilada por volta dos meados do século XIII.
15. *Shasekishû (Coletânea de Areia e Pedra)* – Coletânea de narrativas *setsuwa* budistas, organizada pelo monge Mujû, em 1283.

Realizaremos, a seguir, a tradução de uma narrativa *setsuwa* incluída na coletânea *Konjaku Monogatari*, após o que, teceremos considerações que nos parecem pertinentes para a apreensão do universo peculiar das narrativas *setsuwa*.

Tradução

7/XX – Sobre o fato de a imperatriz Samedono ter sido violentada por um *tengu*

O agora é passado, a imperatriz Samedono² era a genitora do imperador Montoku³. Era filha do Grande Conselheiro e Ministro Supremo do Estado Yoshifusa⁴. Possuía uma beleza excepcional, mas constantemente via-se tomada por espíritos⁵, razão pela qual eram encomendadas diversas orações de cura. Recorreu a famosos monges, conhecidos por seus milagres, que realizaram ritos esotéricos de cura, mas não obteve qualquer sinal de melhora.

Havia, nessa época, no topo do monte Katsuraki⁶, na província de Yamato, um local denominado Kongôsan, onde morava solitariamente um respeitável monge. Após longos anos de aprendizado, nesse local, era capaz de fazer voar tigelas⁷ para pedir alimentos ou jarros para buscar água. Enquanto entregava-se à disciplina dessa maneira, passou a realizar admiráveis milagres. Por essa razão, sua fama correu distâncias, indo alcançar os ouvidos do imperador e também do ministro que, ao tomar conhecimento de tal fama, pensou: “Chamaremos esse monge para que faça orações de cura para essa doença” e lançou uma ordem de comparecimento ao palácio imperial. Um mensageiro foi enviado até o monge, levando essa ordem, e embora ele se recusasse, por diversas vezes, não teve como não atender às ordens imperiais e acabou por comparecer. Levado diante da imperatriz, ordenaram a realização da oração, que logo revelou seu poder, quando uma de suas pajens começou, de repente, a chorar e a gritar como uma tresloucada. Algum espírito havia se apossado dela e gritava, correndo para todos os lados. Quando o monge desdobrou-se em suas orações esotéricas, a jovem teve tolhidos seus movimentos, como que atacada pelas forças invocativas e, não resistindo às pressões des-

2. Fujiwara no Akirakeiko era conhecida como imperatriz Samedono, pois a mansão de seu pai, Yoshifusa, tinha esse nome. Foi consorte do imperador Montoku
3. Na realidade, a imperatriz Samedono foi consorte do imperador Montoku (55º imperador, reinou de 850-858) e genitora do imperador Seiwa (56º imperador, de 858-876).
4. Fujiwara no Yoshifusa (804-872) – Filho de Fuyutsugu, passou pelos altos postos governamentais como Alto Conselheiro (*Dainagon*), Ministro da Direita (*Udaijin*) e alcançou o posto máximo de Ministro Supremo do Estado (*Daijô Daijin*). Por ocasião da ascensão ao trono do imperador infante, Seiwa, seu neto, tornou-se regente (*Sesshō*), sendo o primeiro regente, sem sangue imperial.
5. Na antigüidade, as doenças de fundo psicológico eram explicadas como consequência da “presença de espíritos” (*mononoke*) que se apossavam das pessoas enfermas.
6. Monte Katsuraki, que fica na divisa das províncias de Osaka e Nara.
7. O fato de fazer voar tigelas era um dos poderes secretos que os religiosos adquiriam depois de longos e penosos treinamentos.

se poder oculto, saltou, da região do peito da jovem, uma velha raposa⁸, que tombou, depois de rodopiar diversas vezes, sem forças para fugir. Nesse instante, o monge ordenou que amarrassem a raposa e orientou-a no sentido que seguisse o caminho do bem. O ministro genitor ficou esfuziante com tal cena. A doença da imperatriz desapareceu em questão de um dia ou dois.

Radiante de alegria, o ministro mandou que convidassem o monge a permanecer como hóspede, por algum tempo, o que foi aceito. Como encontravam-se no verão, a imperatriz trajava uma vestimenta leve e, quando o soprar de uma brisa levantou o pano da cortina divisória denominada *kichô*, o monge conseguiu entrever a figura da imperatriz por uma pequena fresta. Impressionado pela formosura inigualável, antes nunca vista, o monge, completamente desnor-teado, começou a nutrir uma paixão fulminante pela imperatriz.

Impossibilitado, porém, de dar vazão ao seu sentimento, ficou a remoer-se sozinho, mas o fogo da paixão queimava-o por dentro, não permitindo que esquecesse, por um instante sequer, aquela visão que ia e vinha na sua mente, até que, completamente transtornado, aproveitou uma oportunidade e, ultrapassando a divisória, agarrou-se ao quadril da imperatriz que se encontrava deitada. A imperatriz, tomada de surpresa, tentava desvencilhar-se apavorada, molhada de suor, mas em vão. O monge, por sua vez, agarrava-a com toda a sua força. Diante disso, as damas de companhia gritavam por auxílio. Eventualmente, encontrava-se no palácio o médico da família imperial, Taima no Kamotsugu⁹, chamado para tratar da imperatriz que, ouvindo, repentinamente, gritos para os lados do aposento da imperatriz, para lá acorreu, deparando-se com esse monge que saíra do interior da cortina divisória. Kamotsugu capturou o monge e relatou o ocorrido ao imperador. O imperador, extremamente irado, ordenou que amarrassem o monge e o trancassem na prisão.

O monge foi levado para a prisão, mas permaneceu completamente calado e, olhando, aos prantos, para o céu, fez um juramento: “Em breve morrerei e, transformando-me num ogro¹⁰, hei de tornar-me íntimo da imperatriz, conforme o meu desejo, ainda durante a permanência dela nesse mundo”. O funcionário da prisão, que chegou a ouvir tal juramento, comunicou ao ministro genitor. O ministro, assustado, transmitiu o fato ao imperador que ordenou a sua soltura, mandando-o de volta ao seu templo.

O monge retornou, então, à montanha, mas não suportando a idéia de ver-se afastado da imperatriz, pediu, como sempre fazia, às Três Jóias do Budismo para que lhe fosse concedido uma aproximação com a imperatriz. Quem sabe se por ter se convencido da impossibilidade de realizar tal desejo, na presente encarnação, teve desejos de tornar-se ogro, conforme intenção inicial, e deixou de alimentar-se e morreu por inanição, depois de dezenas de dias. Logo depois, tornou-se um ogro. Era uma figura seminua, com o cabelo escorrido como o de uma criança. Tinha mais de dois metros de altura e a pele escura como que pintada de laca. Os olhos eram enormes e assustadores, lembrando duas tigelas metálicas. Na gigantesca boca aberta, viam-se dentes afiados tais como espadas. Presas superiores e inferiores estavam à mostra. Vestia uma sunga vermelha e, na cintura, trazia um maço. Este ogro estava, de repente, postado perto da cortina divisória onde se encontrava a imperatriz. Diante disso, as pessoas,

8. A raposa é um motivo constante nas narrativas *setsuwa*, como um animal dotado de poderes mágicos, podendo transformar-se em pessoas ou objetos, ou ainda apossar-se de outros corpos, principalmente de mulheres.

9. Serviu aos imperadores Ninmyô (reinou de 833-850), Montoku (850-858) e Seiwa (858-876), tendo sido chefe do Departamento de Medicina (*Tenyakuryô*) durante a época dos imperadores Montoku e Seiwa.

10. Em japonês, *oni*, um ente fantástico identificado com o demônio japonês.

apavoradas, fugiam aos tropeços. As damas da corte ora desmaiavam, ora agachavam-se, escondidas sob as vestes. Como era um local cujo acesso estava proibido a qualquer pessoa, ninguém, além das pessoas ligadas à imperatriz, assistiu tal cena.

O espírito desse ogro apossou-se, então, da imperatriz que, arrumou-se com esmero, expressou um leve sorriso e, ocultando o rosto com o leque, foi para o outro lado da cortina divisória e deitou-se com o ogro. As damas da corte ficaram a espreitar, quando ouviram o ogro declarar-se, dizendo que pensara todos os dias nela e que estivera morrendo de saudades. A imperatriz correspondia à declaração, rindo alegremente. Todos, inclusive as damas da corte, puseram-se em fuga. Assim, depois de algum tempo, ao entardecer, o ogro saiu da cortina divisória e foi-se embora, razão pela qual as damas da corte acorreram ao aposento, perguntando-se: “O que teria acontecido com sua majestade?” A imperatriz, porém, não dava mostras de qualquer alteração e estava sentada como se nada tivesse acontecido. Apenas no seu olhar notava-se algo um tanto assustador.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, o imperador, ao invés de apavorar-se com o estranho fato, mostrou-se muito mais preocupado com o que poderia acontecer com a imperatriz doravante. Depois disso, o ogro aparecia, todos os dias, da mesma forma, mas a imperatriz recebia-o serenamente, e, estando fora de seu juízo normal, tinha esse ogro como alguém muito querido. Sendo assim, não era sem razão que todas as pessoas do palácio que testemunharam tal fato ficavam inteiramente desoladas

Nesse meio tempo, o ogro apossou-se do corpo de uma pessoa e declarou: “Lançarei uma vingança sobre aquele Kamotsugu”. Ao saber disso, Kamotsugu ficou apavorado e morreu repentinamente, pouco tempo depois. Seus três ou quatro filhos também morrerem todos ensandecidos. Assim, o imperador e o ministro genitor, que assistiram a essas mortes, ficaram extremamente assustados e, chamando numerosos monges, ordenaram a realização de fervorosas orações a fim de exorcizar esse ogro. Em consequência disso, ou não, o fato é que o ogro desapareceu por um período aproximado de três meses, razão pela qual a imperatriz deu mostras de melhora, voltando à normalidade. O imperador, feliz com a notícia, e desejando rever mais uma vez a imperatriz, dirigiu-se com o seu séquito à residência da imperatriz. Foi uma visita especialmente carregada de emoções, onde participaram todos os oficiais palacianos.

Adentrando, logo a seguir, na residência da imperatriz, encontrou-se com ela, ao que se seguiu um emocionado colóquio. Sua aparência retornara à antiga forma. Então, nesse instante, aquele ogro surgiu saltitante, repentinamente, de um canto do aposento e passou para o outro lado da cortina divisória. Enquanto o imperador assistia estupefato a isso, a imperatriz voltou a agir estranhamente e passou exultante para o outro lado da cortina divisória. Instantes depois, o ogro saiu saltitando para o lado sul. Todos, a começar do ministro e dos cortesãos até os oficiais palacianos, apavorados e desnorteados diante desse ogro, estavam estupefatos, quando a imperatriz apareceu a seguir e, diante dos olhares de inúmeras pessoas, deitou-se com o ogro e passou a praticar, sem pudor, atos indecorosos. Quando o ogro, logo a seguir, levantou-se, a imperatriz também fez o mesmo e passou para o outro lado da cortina divisória. O imperador, não tendo o que fazer, só pôde lamentar-se e retirou-se.

Por isso, as nobres damas, cientes de tal fato, jamais deverão se aproximar de monges como esse. Embora seja uma história extremamente melindrosa, foi, assim, tornada pública, para que as pessoas das épocas posteriores tomem conhecimento e cuidem para não se aproximarem de monges. Conta-se que assim foi dito.

Considerações

A narrativa acima traduzida, conforme referido anteriormente, faz parte da coletânea *Konjaku Monogatarishû*, e servirá de referência para algumas considerações que teceremos a seguir.

Vejamos, inicialmente, os poemas:

475 *Yono nakawa*
kakuso arikere
fuku kazeno
meni mienu hitomo
koishikarikeri

(O mundo dos amantes
é assim mesmo.
Sinto saudades de alguém
que, como o vento que sopra,
meus olhos nunca viram)

Poema de Ki no Tsurayuki

570 *Warinakumo*
netemo sametemo
koishikika
kokoroo izuchi
yaraba wasuremo

(Durmo e acordo,
pensando nela.
Que rumo dar ao meu coração,
para poder esquecê-la?)

Poeta anônimo

Os supracitados poemas de amor (475 e 570) fazem parte da antologia poética *Kokin Wakashû* (*Coleção de Poemas Japoneses Antigos e Modernos*), organizada no início do século X. São poemas que refletem nitidamente a configuração do amor na Época Heian.

Conforme aludimos anteriormente, a cultura da Época Heian, sustentada pela nobreza, buscava o refinamento (*miyabi*) como o seu ideal estético, e o seu estilo de vida era totalmente orientado pelas rígidas regras da etiqueta cortesã, que convertiam até a relação amorosa numa espécie de rito. A troca de poemas amorosos entre os amantes era o primeiro passo para o início de qualquer relacionamento. Pode-se dizer que um encontro cara a cara era praticamente inexistente, pois rezava a etiqueta da época que a mulher não devia se expor a estranhos. A conversa, quando muito, realizava-se de um lado e de outro da divisória, por trás da qual se ocultavam as donzelas, cuja voz soava apenas como um sussurro. As relações amorosas das narrativas

clássicas de Heian caracterizavam-se, pois, pelo fato de evitar as descrições categóricas, privilegiando as colocações permeadas pela sutileza, a nível do sugerido.

Na narrativa *setsuwa*, opostamente, predominam as descrições realistas e explícitas, buscando-se o máximo de objetividade.

A narrativa 7/XX *Sobre o fato de a imperatriz Somedono ter sido violentada por um tengu*, acima citada, que será objeto de consideração do presente trabalho, pode ser considerada um dos exemplos mais ilustrativos dessa característica marcante.

A narrativa tem início com a apresentação das personagens centrais, a imperatriz Somedono e o monge de Kongôsan. Trata-se, portanto, de personagens que se encontram, socialmente, em posições ideais: a imperatriz Somedono, além de ser filha de Fujiwara no Yoshifusa, um dos políticos mais marcantes do clã Fujiwara, que dominou o cenário político de grande parte da Época Heian, foi consorte imperial, o objetivo supremo buscado por todas as mulheres da época; o monge de Kongôsan que, como religioso, atinge o nível do ideal, já que é citado como um “respeitável monge” cuja “fama correu distâncias, indo alcançar os ouvidos do imperador”

O desenvolvimento da narrativa, porém, vai ocorrer de maneira que essa colocação inicial seja substituída por uma outra, a nível pessoal, completamente oposta.

Esse fato já pode ser detectado, quando se coloca que a imperatriz Somedono “constantemente via-se tomada por espíritos”

Os espíritos que se apossam das pessoas podem ser divididos, em geral, da seguinte maneira:

- espírito divino
- espírito humano
 - espírito de pessoa viva
 - espírito de pessoa morta
- espírito animal

Os santuários xintoístas possuem as sacerdotisas denominadas *miko*, servidoras e porta-vozes dos deuses. Diferentemente das *miko*, que recebem os espíritos voluntariamente, encontramos, em várias obras da literatura clássica japonesa, o caso de mulheres que são atormentadas por espíritos (humanos ou animais) que podem, em exemplos extremos, levá-las à morte. Existem também as mulheres que transformam-se em espíritos, como o espírito obstinado de Rokujô no *Miyasundokoro*, uma das concubinas de Hikaru Genji, o herói de *Genji Monogatari*, narrativa escrita por Murasaki Shikibu, no século XI, considerada a obra-prima da literatura clássica japonesa, que persegue implacavelmente as suas rivais.

A imperatriz Somedono, como vimos, é vítima de um espírito animal, no caso a raposa, fato que vai desencadear o desenvolvimento do conflito. Para livrá-la desse mal é chamado um renomado monge de Kongôsan, que, confirmando sua fama, consegue curar a imperatriz.

A partir do momento, no entanto, em que o monge consegue “entrever a figura da imperatriz por uma pequena fresta”, ou seja, no momento em que o monge vê a

imperatriz como mulher e, ele próprio é tomado por sentimentos terrenos, “começou a nutrir uma paixão fulminante pela imperatriz” inicia-se o processo de dessacralização da figura do renomado monge da apresentação inicial.

Trata-se de um caso amoroso que tem início de uma forma clássica, segundo os costumes da Época Heian, ou seja, através do *kaimami* (“espiar através de uma fresta”), mas que apresenta também uma série de fatores que impedem a sua concretização: o monge que, por ser um religioso, encontra-se comprometido com o celibato clerical e a imperatriz, por seu lado, impedida pela própria condição de consorte imperial.

A princípio, o monge mostra-se, de certo modo, consciente desse impedimento, tentando controlar o seu lado homem, “impossibilitado, porém, de dar vazão ao seu sentimento, ficou a remoer-se sozinho” mas vemos que sua paixão é algo incontrollável, “mas o fogo da paixão queimava-o por dentro, não permitindo que esquecesse, por um instante sequer, aquela visão que ia e vinha na sua mente”. A partir desse momento, assistimos ao total descontrole do monge, que “completamente transtornado, aproveitou uma oportunidade e, ultrapassando a divisória, agarrou-se ao quadril da imperatriz” e utiliza seus poderes religiosos agora para interesses próprios.

O monge busca solucionar seu problema através da reencarnação, transformando-se num ogro (embora no título tenhamos *tengu*, uma divindade da montanha tratada como um monge itinerante *yamabushi*, com um longo nariz, rosto vermelho, garras semelhantes às aves de rapina e provido de asas). Entendemos isso como solução, na medida em que, transformando-se em ogro, o monge liberta-se de todos os impedimentos sociais impostos ao homem e, através de seu poder sobrenatural, consegue manter a imperatriz sob o seu domínio.

O que, no entanto, cabe destacar na presente narrativa é a abordagem extremamente direta dos fatos, sem a utilização de metáforas ou eufemismos, tornando-se um relato objetivo de casos marcantes, seja pelo inusitado, pelo horripilante, pelo engraçado, pela raridade.

Diferentemente das narrativas *monogatari* de Heian, desenvolvidas de modo a serem apreciadas, na sua maioria, sutil e intimamente, as narrativas *setsuwa* assemelham-se aos filmes de ação que provocam no espectador reações de impacto muito maior. Para tanto, busca fatos e personagens que correspondam a tais expectativas, saindo do restrito círculo aristocrático das narrativas *monogatari*.

A paixão fulminante de um monge por uma imperatriz, já por si, constitui um tema tabu no universo da narrativa *monogatari*, onde a corte imperial era vista como uma entidade inatingível e intocável. Que dizer, então, da descrição de cenas íntimas, envolvendo a imperatriz numa relação extraconjugal? Mais do que isso, o imperador, completamente passivo diante de tal cena, vê-se destituído de todo o seu poder e nada mais pode fazer, além de sair de cena.

O universo da narrativa *setsuwa* privilegia, desse modo, todos os aspectos velados nas narrativas *monogatari*, revelando-nos um mundo que se encontrava totalmente ofuscado pelo luxuoso e refinado estilo de vida aristocrático de Heian.

Bibliografia

- AKIYAMA, Ken; FUJIHARA, Haruo (orgs.). *Chûkono Bungaku (Literatura da Média Antigüidade)*, Col. Nihon Bungakushi 2, Tóquio, Yûhikaku, 1976.
- IMAI, Gen'e. *Ôchô Bungakuno Kenkyû (Pesquisa sobre Literatura da Época Heian)*. Tóquio, Kadokawa, 1970.
- ISHIDA, Ichirô. "Kodaino Bunka" ("A Cultura da Antigüidade"). *Nihon Bungakushi Gairon (Considerações sobre a Cultura Japonesa)*. Tóquio, Yoshikawa Kôbunkan, 1971, pp. 91-206.
- KODAMA, Kôta (org.). *Shiryôni yoru Nihonno Ayumi – Kodaihen (Os Passos do Japão através dos Dados Históricos – Era Antiga)*. Tóquio, Yoshikawa Kôbunkan, 1971.
- KUBOTA, Jun; KITAGAWA, Tadahiro (orgs.). *Chûseino Bungaku (Literatura da Idade Média)*, Col. Nihon Bungakushi 3. Tóquio, Yûhikaku, 1976.
- MINER, Earl *et alii*. *Classical Japanese Literature*. Princeton, Princeton University Press, 1985.
- MINZOKUGAKU KENKYÛKAI – Minzokugaku Jiten (*Dicionário de Folclore*). Tóquio, Tôkyôdô Shuppan, 1970.
- NAKANO, Koji. *Konjaku Monogatarishû (Coletânea de Narrativas de Agora e de Outrora)*. Tóquio, Iwanami Shoten, 1983.
- ÔSONE, Shôsuke *et alii* (org.). *Kenkyû Shiryô Nihon Koten Bungaku (Material de Pesquisa de Literatura Clássica Japonesa)*, vol. 3. Tóquio, Meiji Shoin, 1984.
- TSUKADA, Yoshifusa *et alii* (org.). *Jôyô Kokugo Binran (Manual da Língua Japonesa)*. Nagoya, Hamashima Shoten, 1988.